

Da minha biblioteca

O Diário Oculto de Nora Rute, de Mário Zambujal



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

É sempre um prazer e um desafio ler os livros de Mário Zambujal. Desde o marco que foi o sucesso do seu primeiro romance, *Crónica dos bons malandros*, que o deslocou da referência como jornalista (que nunca deixou de ser) e o colocou no rol dos nossos autores de literatura, a sua produção tem continuado a dar-nos bons momentos.

Alguns gostos

Com uma prosa escurrita, humor inteligente e tratando as personagens com muita bondade, Mário Zambujal constrói mundos muito diferentes daqueles em que a maioria de nós vive. Na minha biblioteca tenho alguns dos seus livros, que muito me fizeram sorrir e ajudaram a ver o mundo com outros olhos.

Em *Fora de mão - Prosas revisitadas e inéditas*, uma belíssima coletânea, publicado em 2003 pela Oficina do Livro, somos defrontados com momentos que nos fazem pensar, como no conto «Uma pratada de mundo» (p.85), que nos remete para a hipocrisia e para a banalização da desgraça que a invasão noticiosa acarreta, ou como em «Vermelho e verde» (quando se refere à personagem que ganha a vida quando os carros param nos sinais): «O seu mundo é outro e se calhar anda ao contrário, como ele, ali, com as luzes coloridas dos semáforos» (p.113); em 2006 escreve, na mesma editora, *Primeiro as senhoras. Relato do último bom malandro*. Contado na primeira pessoa, não há outra

voz no livro. A personagem conversa com um inspetor da polícia, mas nunca ‘ouvimos’ a voz deste interlocutor – apenas subentendemos as suas respostas ou reações pelas falas daquele: “Dormir, eu dormi, senhor Inspector, mas não posso falar em descanso” (p.23); “Sossegue, Inspector, vou resumir” (p.24); “O senhor Inspector desejará saber se deixaram escapar um nome” (p.28); “Demorei? Queira desculpar” (p.95. Tenho estado a citar a edição de bolso, da Leya, 2010). Este é um livro muito divertido, que nos obriga a colocar-nos na pele do silencioso inspetor e ir acompanhando o desvendar das trifulhices, esquemas, amores, aventuras e desventuras, ao sabor da decisão do “último bom malandro”. Em *Uma noite não são dias*, de 2009 (editado pela Planeta), o subtítulo revela um pouco da história: *Intriga e paixões no esquisito ano de 2044*. Há neste romance, pelo ambiente futurista, uma grande ironia com o nosso presente, que é o passado das personagens: “Os mais velhos dizem ter saudades das épocas em que ninguém dizia mal de alguém. Agora é o que se vê” (p.30); “Era impensável, há trinta, quarenta anos, digamos nas imediações de 2010, que alguém afinasse por virem dizer que outro alguém dissera horrores a seu respeito. Agora zangam-se” (p.67). A história tem um toque policial e, como seria de esperar, não nos desiludimos.

Em 2012, Mário Zambujal publica, na editora Clube do Autor, *Cafuné. Tropelias do secretário da amiga da aia da rainha*. Mais uma vez, Zambujal muda de tipo de narrador. Desta vez, está fora da história e conhece tanto o passado como o presente, o que lhe permite fazer conexões entre os dois mundos: “carta (...) mais suculenta que um moderno sms” (p.127); “longe vinha a fresquidão do biquíni e do fio dental” (p.159). Há também aqui, como na



O Diário Oculto de Nora Rute é o novo romance de Mário Zambujal

generalidade das suas obras, crítica à sociedade e aos costumes e muito humor: a princesa Carlota Joaquina era “tão pouco selectiva quanto a homens que chegava a deitar-se com o próprio marido” (p.18); “o piolho é democrata, nem atende ao estatuto de cada cabeça” (p.199). Um livro que diverte enquanto nos enquadra no Portugal com uma corte em fuga para o Brasil.

Confissões privadas de uma jovem rebelde

No passado mês de novembro, Mário Zambujal publicou, de novo na editora Clube do Autor, o seu último romance: *O Diário Oculto de Nora Rute*, que tem por subtítulo divertido, explicativo e longo, tão ao gosto do autor, *Confissões privadas de uma jo-*

vem rebelde.

O livro tem a forma de diário de uma jovem que caminha para os 22 anos, como a própria afirma (p.43), e começa a 30 de dezembro de 1968, uma segunda-feira. Achei graça quando me dei conta de que estava a iniciar a sua leitura precisamente no dia 30 de dezembro de 2013, também uma segunda-feira (mas, claro, ficaram por aqui as coincidências, pois não demorei um ano a lê-lo: o diário termina a 31 de dezembro do ano seguinte).

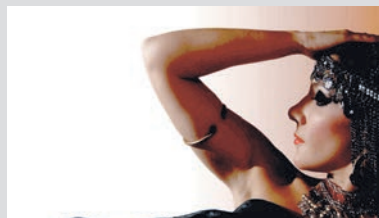
Sempre com muito humor, somos postos na pele de uma jovem do fim da década de sessenta, uma época de grande agitação política e social, nomeadamente entre os estudantes. Curiosamente, a heroína desta história deixou a faculdade sem acabar o curso e o seu envolvimento políti-

co é algo superficial. Mesmo a sua estada em França, nas manifestações do Maio de 68, não teve o empenhamento que se poderia supor. Aliás, como foi, provavelmente, para muitos jovens daquela geração, que não tinham posição definida e não se envolviam nas lutas. Diz ela: “Acreditam alguns, até declarados opositores ao Salazar, que estão em curso mudanças de respeito. Outros, no círculo de estudantes com que ainda me vou encontrando, dizem ‘primavera marcelista’ com ironia. Tentarei não escorregar para o lado dos apáticos que nada pretendem excepto o divertimento de cada dia, de preferência à noite. Confesso: é para aí que me tem puxado o pezinho” (p.44).

O livro é de leitura agradável, divertido, com muitos subentendidos, mas também

com muita crítica direta. E ainda se torna mais interessante por falar de uma realidade relativamente próxima de nós (se bem que muitos leitores – como eu, felizmente – já não a viveram): “Ainda há mulheres proibidas de se casar por serem enfermeiras ou hospedeiras da TAP. E não há mulher casada que possa viajar ao estrangeiro sem licença escrita pelo senhor marido. Diz-se que estas absurdas proibições terminarão em breve. Esperemos que sim, será limpar uma nódoa deste Portugal engravatado” (p.45). Esta nódoa tirámos, mas pusemos muitas outras.

Termino com os versos do poeta Alexandre O’Neil, que me ficaram a ressoar quando li aquele parágrafo: “País engravatado todo o ano / e a assoar-se na gravata por engano”.



“14º FESTIVAL DE MÚSICA AL-MUTAMID”

25 JAN | 21.30 | Cine-Teatro Louletano

Wafir Sheikheldin (alaúde árabe, nay, percussões e voz), Salah Sabbagh (darbouka, riq, daf) e Erika la Turka (dança oriental) são os protagonistas do espectáculo



“FADO [EM] SINFONIA”

25 JAN | 21.30 | Centro Cultural de Lagos

A Academia de Música de Lagos junta-se a um talento emergente do fado, Ana Pinhal, para a construção de um programa em torno do Fado Tradicional e Novo Fado, com composições e arranjos da autoria de Manuel Maio, Bruno Ribeiro e o Ensemble algarvio Gato Malvado.